

História do Cântico dos Cânticos em Portugal

Na literatura e na cultura portuguesa o «Cântico dos Cânticos» aparece com um lugar incontestado que é indispensável ter presente, quando procuramos descobrir a trajetória da tradução do texto da Sagrada Escritura para vernáculo. De facto, encontramos-lo tanto nas composições trovadorescas como nos tratados místicos, nos comentários teológicos como também nas dramatizações do mesmo.

«Cântico dos Cânticos» é o modo semítico de traduzir o superlativo do título hebraico *Sir hassirim* do famoso libreto bíblico de 1250 palavras. Variam as expressões vernáculas do título em epígrafe: «O Cântico» por excelência, «Canto perfeitíssimo» (BNL Cod. 3225), «Le plus beau chant» (Lys), «Das Hohe Lied» (Alemães), «El mejor cantar» (L. Alonso Schoekel), «The sublime song» (M. Pope).

Variam também as suas leituras e interpretações: hino ao amor humano, canto do eros entre enamorados, celebração do amor nupcial entre Deus e Israel, entre Cristo e a Igreja, poesia alegórica e mística cheia de mistérios, expressão literária de um drama ou de um ritual litúrgico. Perante uma tal variedade de interpretações somos levados a pensar como um antigo comentador rabínico, Saadia ben Joseph, o qual comparava o «Cântico dos Cânticos» a uma fechadura da qual se tinha perdido a chave. Por outro lado, em face da densidade humana e universal que aí se reflecte, podemos perfilhar a opinião de Karl Barth, que classificou o «Cântico» como «A magna carta da humanidade»¹.

¹ Para uma introdução na leitura e na história da interpretação do «Cântico dos Cânticos» por Padres, Teólogos e Místicos cf: P. CAVALLERA, «Cantique des Cantiques» in *Dictionnaire de Spiritualité*, II, Paris 1953, col. 93-101; A. ROBERT, R. TOURNAY, *Le Cantique des Cantiques*, Paris 1963; R. TOURNAY, *Quand Dieu parle aux hommes le langage de l'amour*, Paris 1982; D. LYS, *Le plus beau chant de la création*, Paris 1968; M. POPE, *Song of Songs* (Anchor Bible), Nova Iorque 1977; G. RAVASI, *Cantico dei Cantici*, Turim 1987, 195-200; A.-M. PELLETIER, *Lectures du Cantique des Cantiques*.

A influência do «Cântico dos Cânticos» na literatura portuguesa verifica-se, sobretudo, nos autores místicos, não só pelo recurso frequente ao imaginário que o caracteriza, mas também pela versão de alguns versículos que aqueles foram fazendo. A sua presença nas diversas épocas da literatura portuguesa aumenta a sua importância para uma história da tradução da Bíblia para português.

Uma vez que o texto da bíblia rareava nos próprios conventos e a sua tradução era proibida, a versão ainda que parcial do «Cântico dos Cânticos» tanto mais significativa se torna.

A essa atracção não é estranha, com certeza, a própria temática do livro: o seu carácter dramático, o seu género romanesco e a sua forte coloração poética contribuíram efectivamente para dar forma literária à alma e à saudade de um povo que ia descobrindo os caminhos da sua própria língua. Daí a sua presença inspiradora e enigmática nos títulos e no conteúdo de várias obras da literatura medieval portuguesa.

Pelo modo como transmitiram e interpretaram o texto deste pequeno livro, os rabinos judeus devem ter exercido influência notável no conhecimento e na divulgação de um tal texto, como se pode avaliar pelo impacto das obras de alguns daqueles mestres. Decisiva deve ter sido a acção por parte da Igreja, que nos conventos, nas escolas, na liturgia e na pregação lia e comentava o «Cântico dos Cânticos», primeiro em latim e depois também em vernáculo. Entre nós, resta por determinar a influência concreta real dos Cistercienses e dos Cartuxos na utilização do «Cântico» na pregação, o que é presumível, se atendermos a alguns exemplares de literatura, como os códices alcobacenses o testemunham, e se pensarmos na leitura mariológica e litúrgica do poema. Aliás, as citações esparsas do «Cântico dos Cânticos» que se encontram nos Sermonários foram, gradualmente, traduzidas do latim para vernáculo, reflectindo uma mudança de atitude, que iria ser longa, no confronto do texto bíblico.

As interpretações alegóricas ou metafóricas herdadas e ampliadas pelos nossos autores místicos e espirituais, têm a sua raiz nos consagrados comentadores do livro que desde Hipólito e Orígenes até Beda e Bernardo escreveram sobre esta imensa «parábola religiosa e espiritual». Manifestando-se nas ideias e nas expressões literárias, o universo cultural e religioso do poema contribuiu para enriquecer a linguagem de espiritualidade, na tarefa de traduzir

todo um mundo de relações místicas entre o crente e Cristo, entre Cristo e a Igreja, a exemplo de S. Paulo que viu no amor esponsal o tipo da união mística. Esta característica faz do «Cântico dos Cânticos» o tipo ideal para traduzir a dimensão transcategorial da experiência religiosa. Dando corpo a essa experiência, entrando na esfera ideal, mítica, o autor deixa entender o fundamento último do existir humano, que o é também na esfera do sobrenatural, qual é o Amor. Pela linguagem do amor se diz o que o homem é e se desvenda o mistério de o homem mergulhar em Deus. Anelo, festa, comunhão, intimidade, são sinais de uma vivência - certeza, onde o Outro é presente e ausente, próximo e distante. O quadro dramático que o enforma, onde se contempla a beleza e se adivinha o enigma, faz evocar o estado edênico do homem, vendo neste poema uma outra versão do Paraíso do Génesis. Por outro lado, a experiência religiosa procura a compreensão do seu próprio mistério, recorrendo espontaneamente ao mecanismo de um amor esponsal, caracterizado pela totalidade e pela fidelidade.

Se para a história da sua interpretação em Portugal é necessário ter em conta os comentários escritos em latim por grandes mestres, como Sto. António de Lisboa, Luís de Soto Maior, Jerónimo Osório, para a história da tradução bíblica é importante considerar tudo quanto foi escrito em vernáculo, tenha sido impresso ou não². Este trabalho vai privilegiar esses textos, sobretudo os manuscritos, ainda não estudados, da Biblioteca Nacional. A referência aos textos latinos, além de proporcionar uma visão do lugar do «Cântico dos Cânticos» na história da literatura religiosa e profana de Portugal, talvez possa servir de estímulo para estudos de maior fôlego do que este.

Nos séc. XII-XV

À semelhança do que acontece com outras literaturas de inspiração cristã, nos autores místicos portugueses o «Cântico dos Cânticos» revela-se um ponto de referência frequente. Da Idade-Média ao séc. XVI sobressai como um dos livros bíblicos preferidos, cuja leitura, de tipo alegórico, servia de pábulo aos poetas e aos

² DIOGO BARBOSA MACHADO, *Biblioteca Lusitana* IV, Lisboa 1967, 504, refere 12 autores portugueses que compuseram algum comentário ou reflexão sobre os «Cantares», a maior parte dos quais teria sido em latim. Além de Hilarião Brandão, Isaac Abravanel, Luís Soto Maior e outros, refere-se a uns *Comentários místicos sobre os Cantares*, cujo autor seria Maria Madalena de Jesus, e ainda a um manuscrito do P. António Vieira, SJ, sobre o mesmo livro. Estes dois últimos textos devem ter desaparecido.

comentadores de escola, aos pregadores e aos místicos. Que ele seja fonte de inspiração na literatura medieval portuguesa, bem o documentam os estudos de Mário Martins, em especial o seu livro *A Bíblia na literatura medieval portuguesa*³.

Começando por Sto António de Lisboa, cuja cultura bíblica o tornou notável na sua época, os escritos que ele nos deixou constituem um exemplo do lugar que o «Cântico dos Cânticos» ocupava então na pregação e na interpretação da Escritura. Na linha tradicional, Sto. António, apoiando-se no «Cântico» como mais uma autoridade no jogo das relações exegéticas, procura ilustrar a existência de uma «fonte de amor» que põe em movimento os místicos, introduzindo-os nos diversos graus da contemplação, até à união final⁴. O Santo Doutor não traduz o «Cântico dos Cânticos», mas inspira-se no universo literário e religioso que o caracteriza.

Na lírica trovadoresca repercutem-se versículos do «Cântico» e dele se encontram citações na *Vida de Santa Senhorinha*⁵, sendo raras as obras da nossa literatura medieval onde o génio desse texto se não encontre.

Nas *Cantigas de Amigo e de Amor* é fácil encontrar adaptações de textos de amor sagrado a textos de amor profano, onde as palavras e os conceitos, as paráfrases e as alusões denunciam a raiz bíblica da inspiração do seu autor. Assim, o poeta sofre como «cervo lançado» para fora da «companha das cervas» e tudo pela «muy fermosinha d'Elvas»⁶, e a amiga exclama de contentamento: «Tal vay o meu amigo/ con amor que lh'eu dey/ como cervo ferido/ de monteyro del rey»⁷.

No livro da *Corte Imperial*, cuja efabulação se funda, em grande parte na Escritura, ouvimos frases do «Cântico dos Cânticos» na boca do Celestial Imperador, donde concluímos que «a Igreja militante é a bela morena que vem das areias do deserto, como varinha delgada de fumo de incenso e de mirra»⁸.

³ Amadora 1979, 20-21. Cf. PETER DRONKE, «The Song of Songs and medieval Love-Lyric» in «*The Bible and Medieval Culture*», Lovaina 1979, 236-262.

⁴ Cf. F. GAMA CAEIRO, *Santo António de Lisboa e o Cântico dos Cânticos*, Lisboa 1965, 12-17.

⁵ M. MARTINS, *A Bíblia*, 12.

⁶ *Cancioneiro da Ajuda* II, Cantiga 1138, 1139.

⁷ *Ibidem*, Cantiga 791.

⁸ M. MARTINS, *A Bíblia*, 49.

O *Horto do Esposo*⁹, que em tantas passagens bebe directamente no «Cântico dos Cânticos», é o melhor tratado em português sobre a Sagrada Escritura. Nesse jardim, deleita-se a esposa, que é a alma, e alegra-se Cristo na alma do homem, que é um horto regado pelos rios da mesma Escritura¹⁰. Repetindo e glosando as frases do «Cântico dos Cânticos», a esposa procura nos montes eternos o seu amado Jesus; como uma pomba, sobe a mui formosa e pura Virgem Maria; e no jardim da Escritura, no «orto deleytoso» onde Cristo é o hortelão, colhemos as mais variegadas flores e frutos das virtudes e da sabedoria.

No *Boosco Deleitoso*¹¹, um exemplar da literatura mística medieval onde a influência do «Cântico dos Cânticos» atinge o seu ponto mais alto, a sua maior força e extensão, assistimos à alma contemplativa a peregrinar para Deus e testemunhamos a correnteza de linguagem a dar expressão ao amor ardente da Sulamita¹². A presença inconfundível do «Cântico» neste romance místico medieval faz-se sentir sobretudo na alegoria do matrimónio, a descrever a mística relação espiritual entre Sulamita (alma) e o Amado (Cristo). Este bate à porta da alma, dizendo: «Abre-me irmã minha, esposa minha»... E quando o amado entrou no tálamo da minha alma, esta não podia deter-se e «lançava-se subitamente aos beijos ao seu amado»¹³.

«Quem é esta que sobe polo deserto, assi como verga, dilicada e delgada de fumo que saae das espécias de mirra e de encenço e dos outros poos do espicieiro?»¹⁴ «Quem é esta, que se alevanta e se vai longe, assi como a lũa e é escolheita assi como o sol?»¹⁵ «Levanta-te, amiga, minha esposa, e vem-te ao paaço celistrial. Ca já passou o inverno da vida do mundo, que assi como frio te apertou ataa ora. Ja trespassarom as chuvas das muitas mizquindades sem conto, que passaste. As froles das tuas obras aparecerom ante mi e derom boõ

⁹ *Horto do Esposo* (BNL Alc 273/198; 274/212) I-II Rio de Janeiro 1956; III Estocolmo 1964. A edição foi preparada por Bertil Maler. Trata-se de um exemplar da Literatura mística em Portugal no séc. XV, atribuída a Fr. Hermenegildo de Tancos (copista?). Cf. M. MARTINS, *A Bíblia*, 54-59.

¹⁰ M. MARTINS, *A Bíblia*, 51.

¹¹ *Boosco Deleitoso*, Lisboa 1515 (BNL Res 176-A), 1. ed. p/ Hermão de Campos; Rio de Janeiro 1950, ed. p/ A. Magne.

¹² M. MARTINS, *A Bíblia*, 103-108.

¹³ *Boosco Deleitoso* n. 715-717 (Ct. 5, 2).

¹⁴ *Ibidem* n. 724 (Ct 3, 6).

¹⁵ *Ibidem* n. 726 (Ct. 6, 9).

odor de virtudes em na terra celestial. Levanta-te trigosamente, amiga minha, fremeosa minha, poomba minha, esposa minha, e vem-te, ca eu cobiço a tua fremeosura». E a Sulamita responde: «Fremoso e aposto és tu, meu amado; tira-me depós ti e eu correrei em odor dos teus inguentos; porque, assi como deseja o cervo as fontes das águas, assi desejo a ti, meu senhor Deus»¹⁶.

A influência do «Cântico dos Cânticos» nota-se ainda num outro tipo de literatura qual é o dos livros de oração e de poesia espiritual. Assim, são evidentes as raízes bíblicas da poesia de Mestre André Dias com ecos do «Cantar dos Cantares», principalmente nas cantigas de tendência afectiva e mística. O ritmo e a terminologia do «Cântico» ajudam a compreender os versos carregados de lirismo matrimonial, onde ocorrem com frequência termos utilizados simbolicamente como: namorada, esposa, jardim¹⁷.

Na esteira do teatro medieval, Gil Vicente aplica à Virgem Maria expressões emblemáticas tiradas na maioria do «Cântico dos Cânticos», as quais revestiam, na pregação e na interpretação bíblica, um sentido decididamente mariológico: «electa ut sol, plantatio rosae, hortus conclusus, stella maris, liliun inter spinas, oliva speciosa, turris David»¹⁸.

Dois grandes mestres judeus expulsos de Portugal podem bem ser tomados como expoente do modo como então era tratado o «Cântico dos Cânticos»: Isaac Abravanel¹⁹, o qual defendia uma interpretação espiritual e histórica do «Cântico», e o seu filho, Juda Abravanel (Leão Hebreu) que compôs a sua obra principal em italiano - *Diálogos de Amor*²⁰. Este, fiel ao universo em que o pai se movia, apresenta um amplo diálogo entre Sofia e Fílon, baseado a certa altura no «Cântico dos Cânticos». A Suma Sapiência, a Primeira Beleza, emanam de Deus, e é sob o aspecto e o nome de Beleza que a Sapiência é cantada no «Cântico»: «És toda bela, companheira minha, e não há defeito em ti». O canto da unidade e simplicidade da Sapiência é feito assim: «São setenta as rainhas... , uma é a minha pomba, a perfeita minha... Tu, minha pomba,

¹⁶ *Ibidem* n. 743, 744 (Ct 2, 10-14; S1 41/42, 2-3).

¹⁷ Cf. M. MARTINS, *Laudes e Cantigas espirituais de Mestre André Dias* (+ c. 1437), Roriz Negrelos 1951, 53-54.

¹⁸ Cf. A JOSÉ SARAIVA, *Gil Vicente e o fim do teatro Medieval*, Lisboa 1942, 58.

¹⁹ Para ISAAC ABRAVANEL, que escreveu em hebraico vários comentários a diversos livros do AT, Salomão, um dos protagonistas do Ct pertence à terra; o outro, a sabedoria, é emanação celeste de Deus e desposa o soberano sapiente.

²⁰ LEÃO HEBREU, *Dialoghi d'amore* (Roma 1535).

escondida nas alturas, mostra-me a tua presença, faz-me ouvir a tua voz, pois a tua presença é bela e suave a tua voz». O Sumo Belo é Deus, e Ele, conjunto com a Suma Beleza, torna florido e belo o universo inteiro: «Tu és belo, meu amado, e também sumamente agradável, e também a nossa cama é florida». Ao dizer «meu amado» a Esposa dirige-se-lhe como inferior a superior; por sua vez, o Esposo dirige-se como superior a inferior, quando diz à amada «companheira, pomba, perfeita, irmã». O regresso a Deus, Suma Beleza, torna-se impossível sem a sua ajuda, conforme as palavras da Esposa: «Recolhe-me e correremos atrás de ti; se o Rei me levar para os seus aposentos, deleitar-nos-emos e alegrar-nos-emos em ti; recordaremos os teus amores mais que o vinho; amam-te as virtudes da rectidão»²¹.

Um outro grupo de judeus portugueses, preocupados com a tradução da Bíblia para vernáculo, se notabilizou em Itália, onde prepararam e imprimiram a famosa edição da *Bíblia de Ferrara* (1553). Abraão Usque e Duarte Pinhel traduziram em espanhol o AT segundo a verdade hebraica, para proveito dos judeus espanhóis e portugueses²².

Uma tal preocupação em tornar acessível a Escritura pela tradução para as línguas vernáculas tinha ganhado certas raízes e tomara corpo nas *Bíblias romanceadas*, cujo aparecimento em Portugal pode ser confirmado pelos códices alcobacenses²³. Que algumas *Bíblias em castelhano*²⁴ chegaram a Portugal mostram-no os exemplares manuscritos guardados na Biblioteca da Ajuda (Lisboa) e na Biblioteca Pública de Évora²⁵. A tradução do «Cântico dos Cânticos» quando ocorre, encontra-se entre os livros sapienciais.

²¹ *Diálogos de Amor* II, Lisboa 1983, 318-319, 346.

²² Trata-se de obra rara. Reeditada em Amsterdão 1630. Cf. A. RIBEIRO DOS SANTOS, *Memórias da Literatura Portuguesa* II, Lisboa 1869, 343-360; ID., *Memórias ...* III, Lisboa 1792, 249. - Parece haver pontos de contacto da *Bíblia de Ferrara* com o Ms E 3 da Biblioteca da Ajuda (*The Cambridge History of the Bible* 3, Cambridge 1976, 355).

²³ Cf. Fr. FORTUNATO DE SÃO BOAVENTURA, *Colecção de Inéditos Portugueses dos séculos XIV e XV*, Tomo II-III; *Histórias d'abreviado Testamento Velho segundo o Mestre das Histórias Scolásticas e segundo outros...*, Coimbra 1829 (O Ct é omitido no elenco dos livros bíblicos aí referenciados).

²⁴ Cf. J. LLAMAS (ed.), *Bíblias Medievales Romanceadas. Bíblia Medieval Romanceada Judio-Cristiana. Version del Antiguo Testamento en el siglo XIV sobre los textos hebreo y latino* I, Madrid 1950; II, Madrid 1955; M. G. LITTLEFIELD, *Bíblia romanceada The 13th century Spanish Bible contained in Escorial MS I. I. 8, Madison WI 1983*.

²⁵ B. Ajuda 52-XIII-1: Bíblia em castelhano desde o Génesis até ao livro dos Macabeus. Ms. séc. XIV. Não contém o Ct. - Exemplares de Évora, ver a seguir n.27.

Não se sabe se terá havido uma versão portuguesa do «Cantar dos Cantares» a partir da *História Geral* mandada compor por Afonso X, o sábio, cujo texto se deveria encontrar na III Parte da obra²⁶. Nos 2 exemplares incompletos das «Bíblías Castelhanas» da Biblioteca Pública de Évora temos duas versões castelhanas do «Cantica Canticorum»²⁷, raras e a necessitar um conveniente estudo. Estes textos, na proporção da sua antiguidade (séc. XIV-XV), constituem uma ponte muito importante e um referencial precioso para a tarefa de individuar as etapas da tradução da Bíblia na península Ibérica não só no que se refere ao «Cântico dos Cânticos» mas também a toda a Bíblia.

Sabe-se que entre os livros da biblioteca do Rei D. Duarte (1433-1438), escritos em português, se encontrava *O livro de Salomão*. Isso mesmo é confirmado pelo 1º Índice de livros proibidos, organizado por ordem do Cardeal D. Henrique em 1547²⁸, no qual se incluíam quatro livros em português: 1 *Bíblia*, 1 volume de *Novos Testamentos*, 1 *Revelação de S. Paulo*, 1 *Genesis Alfonsi*²⁹.

No séc. XVI-XVII

Neste período assistimos, por um lado, à elaboração de grandes comentários ao «Cântico dos Cânticos», em latim, e, por outro lado, a tímidas tentativas de tradução para português. Essa tarefa, estimulada pela divulgação da imprensa, caracterizou-se por um certo distanciamento da corrente medieval, concentrando a atenção dos teólogos no livro todo. Assim, o recurso a versículos esparsos do «Cântico» quase foi substituído pelos comentários e pelas versões do texto integral.

²⁶ A tradução da obra começou provavelmente no ano 1320, mas não chegou a concluir-se. Conservam-se apenas alguns fragmentos que serviam como capas a códices do Arquivo da Torre do Tombo (Cf. K. REINHARDT, H. SANTIAGO-OTERO, *Biblioteca Biblica Iberica Medieval*, Madrid 1986, 82).

²⁷ B. P. Évora CXXV 2-3, f. 119v-120v. Pergaminho incompleto do séc. XIV, do livro de Josué a 2º Paralipómenos - B. P. Évora CXXIV 1-2, f. 408-410v. Pergaminho f. 348-475 (Ano 1429). Escrito por Manuel de Sevilha por ordem de Afonso de Toledo. Começa com o Saltério e contém Sapienciais e Históricos.

²⁸ Decalcado sobre o Índice saído em Lovaina em 1546, este não chegou a ser impresso.

²⁹ Os outros volumes escritos «en lingoagem» eram: Livro dos Evangelhos, Actos dos Apóstolos, Genesy, História Geral, Blibia. Do catálogo faziam parte também 20 volumes em latim. -Cf. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS e S. BERGER, Note sur les Bibles portugaises: *Romania* 28 (1899) 543.

Aliás, o recurso frequente ao «Cântico dos Cânticos», nesta época, em Portugal como noutros países, anda ligado ao movimento de misticismo na Europa e à corrente de interpretação espiritual do mesmo livro, de que os místicos espanhóis do séc. XVI são apenas um singular exemplo³⁰. Na verdade, essa corrente, comum na Europa, vêmo-la também engrossada pelos autores portugueses, como Luís de Soto Maior, Jerónimo Osório (Junior), Hilarião Brandão e vários outros, cujas Postilas ainda se conservam. Datam da 2ª metade do séc. XVI os maiores comentários de autores portugueses ao «Cântico dos Cânticos», o que reflecte bem o lugar do livro na literatura teológica ao lado dos autores místicos. Menos activo se manifestou o empenho de traduzir o texto para vernáculo.

Fr. Luís de Soto Maior (+1610) escreveu um vasto comentário que encontramos repartido por dois livros diferentes, o segundo dos quais é mais breve³¹. Comentando expressão por expressão, apresenta e interpreta o «Cântico dos Cânticos» como uma imensa alegoria de Cristo Esposo. Num e noutro dos livros impressiona-nos a vasta cultura humanística e teológica do seu autor.

Jerónimo Osório (+1611) compôs um pequeno comentário em forma de paráfrases do «Cântico»³², enquanto preparava em Roma a edição das obras do tio, que foi Bispo de Silves e grande escritor, ao mesmo tempo que foi o maior latinista português seiscentista. Apoiando-se nos mestres latinos, gregos e hebreus, J. Osório parafrazeia versículo por versículo o texto do livro. O resumo do argumento no início de cada capítulo e o carácter sucinto de cada comentário facilitam a consulta da obra, a que se vêm juntar «Notas» aos 8 capítulos, colocadas no final do livro. Quanto à interpretação do livro, J. Osório afirma que, sob a figura do amor dos esposos, Salomão canta aí o amor mútuo de Cristo e da Igreja.

³⁰ S. TERESA D'ÁVILA, *Meditações sobre os Cantares* (Salamanca 1588), in *Obras completas*, Aveiro 1978, 576-635; S. JOÃO DA CRUZ, «O Cântico espiritual» (Alcala 1618), in *Obras completas*, Fátima 1977, 555-828; Fr. LUÍS DE LEON, in *Cantica Canticorum Salomonis Explanatio* (Salamanca 1582): «Exposicion del Cantar de los Cantares» in *Obras Completas*, Madrid 1951, 61-342; S. FRANCISCO DE SALES, *Explication Mystique du Cantique des Cantiques* (Tolose 1638), in *Oeuvres Complètes* XIV, Paris 1833, 544-593.

³¹ LUÍS DE SOTO MAIOR OP, *Cantici Canticorum interpretatio*, Lisboa 1599-1601; *Ad Canticum Canticorum Notae posteriores et breviores*, Paris 1612.

³² JERÓNIMO OSÓRIO (Sobrinho), *Paraphrases et commentaria in Ecclesiastem et Cantica Canticorum*, Romae 1592; Lugduni 1611.

Um outro comentário escrito em latim é o de André Pinto Ramires (+1654), *Canticum Canticatorum Salomonis* (Lion 1652), estando subjacente ao quadro dramático a interpretação tropológica e alegórica.

Não chegou a ser impresso um outro comentário, cujo manuscrito se encontra na Biblioteca Nacional (Cod 5222: *In Cantica Canticatorum interpretatio*). Trata-se de um amplo comentário ao «Cântico», sobretudo ao capítulo I, com apoio abundantíssimo nas citações dos Padres³³.

A tradução do «Cântico» que encontramos num códice da Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL Cod 2817) datado de 1606³⁴ é, com certeza, uma das primeiras traduções desse livro em português chegadas até nós. Trata-se de um imenso comentário-meditação em português (562 p), que no plano do autor, o P. Manuel Correia SJ, era já o 4º Tomo³⁵, começando pela tradução do texto bíblico.

A sua composição é rigorosamente ordenada. Após um «Prólogo nos Cânticos» (3 p. não numeradas), o livro divide-se em 8 capítulos, em igual número aos do «Cântico dos Cânticos», estruturados por cenas. Em cada cena, introduzida com um pequeno resumo, e ao lado do texto bíblico latino no centro da página, encontramos uma tradução em português numa das margens, enquanto na outra se vêem referências às fontes e ao sentido (místico). Esta parte da tradução propriamente dita ocupa 38 p. não numeradas. A familiaridade do autor com o texto bíblico manifesta-se na dimensão poética da tradução, na preocupação de respeitar a divisão em capítulos e versículos e na atribuição das diversas partes do «Cântico» aos respectivos intervenientes: Esposo, Esposa, Coro, Companheiros/as. Para ele trata-se de uma composição pastoril, cujo carácter teatral se compraz acentuar.

A tradução, a partir da Vulgata, é geralmente literal, mas recorre com frequência à paráfrase, à ampliação de um texto, que a língua vernácula tinha dificuldade em penetrar e controlar. Por razões de outra ordem, não deixa de chamar a atenção o facto de

³³ Comentário incompleto, com páginas ilegíveis e outras em branco.

³⁴ *Canticum Canticatorum Salomonis totum aenigmaticum et mysticum Christi erga sponsam suam Ecclesiam et animam fidelem et rursus Sponsa erga Christum secundum illud Pauli «Despondi enim vos uni viro virginem castam exhibere Christo», cuius spiritualem sensum sicut in 1. et 2. et 3. sic in hoc 4. Tomo numeri ad marginem demonstrabunt. Jan 1606. (No fim do Cod.)*

³⁵ No início: «Do Padre Manoel Correa quarto livro. Podesse leer». *Pertences*: «Da Companhia de Jesus. Collegio de Faro. Livraria Pública. P. Ignacio M.».

não serem traduzidos os textos relativos ao corpo do homem (5, 10-16) e da mulher (7, 2-14), recorrendo nesses casos a explicações marginais em latim ou na introdução respectiva. As letras maiúsculas do alfabeto procuram acentuar a correspondência da tradução com o texto latino, e onde elas aparecem em posição interlinear. A nível de ortografia, a versão aparece quase perfeita, o que já não se pode dizer da pontuação. As poucas modificações introduzidas na reprodução do texto, justificam-se, a fim de tornar mais fácil a leitura (Apêndice I).

A seguir, o comentário desdobra-se em reflexões espirituais agrupadas em 3 partes, divididas em parágrafos, centradas no Pastor (Cristo) e na Pastora (Igreja) com «saudades do Pastor Esposo». Como se deduz do título, o «Cântico dos Cânticos» é interpretado na sua dimensão simbólica e mística. Visto como profecia das relações de amor entre Cristo e a Igreja, o «Cântico» serve para traduzir a atracção que deve enformar a alma fiel. A chave dessa interpretação espiritual encontra-a o autor no texto de S. Paulo aos Coríntios: «Despondi enim vos uni viro virginem castam exhibere Christo» (2 Co 11, 2). Nessa óptica em que a relação de amor traduz e sintetiza toda a vida do cristão, o autor deixou assim resumido o seu pensamento acerca do significado do «Cântico» para o homem peregrino: «Est Canticorum liber: Rerum spiritualium aenigma, Quietae senectutis solatium, Sanctae migrationis viaticum, Divinae contemplationis speculum, Ad desideratam unionem vehiculum»³⁶. Do Índice pormenorizado ressalta o carácter espiritual e pastoral da obra, o qual é encabeçado pelas seguintes palavras: «Índex dos conceitos spirituaes que nas collaçoes deste quarto tomo spiritualmente se tratão, sobre vários passos dos Cânticos spirituaes que o Espirito Sancto a Salamao ditou e elle em frasi pastoril e anigmatica escreveo».

Os autores místicos procederam, a seu modo, a uma tradução do «Cântico dos Cânticos». De Hilarião Brandão (+1585)³⁷ foi impresso em Lisboa em 1579 *A Voz do Amado*, cujo título e conteúdo denunciam a inspiração do «Cântico».

Os seus 42 capítulos em português constituem uma meditação sobre as virtudes cristãs, com apoio frequente no texto bíblico, cuja forma de mística nupcial se repercute também na meditação

³⁶ Início, verso de página.

³⁷ Cf. DALILA L. PEREIRA DA COSTA, *Místicos portugueses do século XVI*, Porto 1986, 308-315.

denominada *Lucubrationes sive Comentariorum Salomonis*. Propondo-se trilhar o percurso que leva à contemplação e à união com o Esposo, o autor recorre a uma singular exuberância de imagens mais ou menos decalcadas na via nupcial própria do «Cântico».

A mesma mística nupcial encontramos-la na obra do P. Diogo Monteiro (+1634), *Arte de orar* (Coimbra 1630). Depois da exposição do método de oração, o autor passa à descrição do caminho e suas etapas, ou seja, da purgação, da contemplação e da união. Meta da vida espiritual, a união realiza o anelo de encontro da Amada com o Amado³⁸.

Na poesia religiosa deste período não podia deixar de se fazer sentir a presença do «Cântico» não só na imagética utilizada, mas também no decalque de algumas expressões literárias e no halo místico de alguns textos. Assim, Jesus é o Esposo, o Amado que as almas enamoradas procuram no horto das virtudes, simbolizadas por flores, lírios e rosas perfumadas³⁹.

Um exemplo típico deste género de poesia religiosa e mística encontramos-la numa «Endecha dos Cantares» conservada por um antigo códice da BNL⁴⁰. O texto em espanhol e em terceira rima traduz o desejo e a alegria do encontro da alma com o seu Senhor, recorrendo ao imaginário do «Cântico dos Cânticos» (Apêndice III).

No séc. XVIII

Neste período, o «Cântico dos Cânticos» aparece traduzido várias vezes, como parte das versões integrais da Bíblia, que entre nós se começaram a fazer, com um atraso de mais de um século relativamente a outros países europeus. É de salientar também que são três obras manuscritas.

A primeira versão portuguesa a ser impressa foi a de João Ferreira de Almeida (1628-1691), membro da Igreja calvinista na missão da colónia holandesa da Índia, a partir de 1642. Terminado

³⁸ *Idem*, 324-326.

³⁹ M. MARTINS, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, Mosteiro de Singeverga 1951, 35, 36, 159, 256, 258, 269, 270-272.

⁴⁰ *Este livrinho contém* huas meditações da criação do mundo e vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, repartidas pelos dias da semana e hua Doctrina de Sam Bernardo «De interiori domo» importante a vida espiritual e o psalmo «Quemadmodum desiderat» em terceira rima solta e dous Sonetos aos bem-aventurados e huas Endechas dos Psalmos e dos Cantares e huas trovas à Ascensão do Senhor. A quem esta obra parecer mal peço perdão, e a quem bem, hua Ave Maria. Lisboa (Manoel João): (BNL Res 79-P).

o Novo Testamento, J. Ferreira de Almeida levou a tradução do Antigo desde os livros de Moisés até ao profeta Ezequiel (48, 21). O trabalho ingente que realizou, com base em versões várias (latina de Beza, castelhana de Cipriano de Valera, holandesa e francesa), ressentiu-se no texto apresentado, a que os revisores (não portugueses) vieram acrescentar mais algumas dificuldades.

O livro dos *Cantares de Salomão* encontra-se entre os livros sapienciais, o que corresponde ao 3º livro do I volume, editado em Trancambar 1744, a que se seguiram muitas outras edições⁴¹.

A impressão foi feita com vários erros de ortografia e de tradução, que se repetiram em edições sucessivas, saídas dos prelos estrangeiros (Londres e Nova Iorque). No texto aparecem, com frequência, palavras em itálico com a finalidade de completar o sentido das frases. Ainda assim, são vários os versículos ou palavras cuja leitura resulta ininteligível: «recamaras» (1, 4,; 3, 4); «os rectos te amam a ti» (1, 4); «sustentai-me com frascos, esforçai-me com maçãs» (2, 5); «tresnoita» (2, 13); «andando pelas fendas das penhas no oculto das ladeiras» (2, 14); «até que chegue aquele dia, e as sombras se acolham» (2, 17; 4, 6); «teus renovos são paraíso de romãs, com frutos excelentes, Cipro com nardo» (4, 13); «minhas entranhas rugiram por amor dele» (5, 4); «seu ventre como alvo marsim, coberto de safiras» (5, 14); «seu parecer como o Libano, escolhido como os cedros» (5, 15); «seu padar a mesma doçura e todo ele totalmente desejável» (5, 16); «teus dois peitos como dois filhos de gama» (7, 3); «o rei está como atado às varandas» (7, 5); «e teu padar como o bom vinho, que se entra o meu amado suavemente, e faz falar os beijos dormentes» (7, 9); «os Dudains dão cheiro» (7, 13); «ali te produziu tua mãe com dores, ali te produziu com dores aquela que te pariu» (8, 5); convite à Sulamite para que regresso (6, 12-7, 1); voz da Amada trocada pela do Amado (7, 9).

A melhor versão da Bíblia seria a do P. António Pereira de Figueiredo (1725-1797), da Congregação do Oratório e da confiança do Marquês de Pombal. Esta tradução, segundo a Vulgata, é obra de grande mérito sob os pontos de vista literário e filológico, e seria objecto de diversas edições, entre as quais algumas protestantes. Na edição do *Testamento Velho*⁴² o *Cântico dos Cânticos de Salomão*

⁴¹ Consultámos a edição de Londres 1819, cuja ortografia actualizamos. A 1ª ed do «Cântico dos Cânticos» juntamente com o Saltério parece ser a de Batávia 1703, preparada por J. op den Akker.

⁴² A edição de 1782-1804 era composta de 17 volumes.

aparece em tradução elegante, com sabor poético. Reflectindo as limitações e as passagens obscuras da Vulgata, Figueiredo conseguiu imprimir à versão ritmo e beleza não vulgares.

Entre os pontos menos claros podem enumerar-se alguns, em que o tradutor reflecte a dificuldade do próprio texto latino: «os rectos te amam» (1, 3); «acudi-me com confortativos de flores» (2, 5); «na caverna de muro ensosso» (2, 14); «até que sobre o dia» (2, 17; 4, 6); «um jardim de romãs com frutos de macieiras; chipres com o nardo...» (4, 13); convite a Sulamite para que regresse, em vez de se voltar e poder ser contemplada (6, 12-7, 1); «cabelos como a púrpura do rei atada» (7, 5); palavras atribuídas à Amada, em vez do Amado (7, 9); «ali é que tua mãe foi corrompida» (8, 5); «o Pacífico teve uma vinha naquela, que tem povos» (8, 11).

Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento (1713-1790) fez também a tradução do *Cântico dos Cânticos de Salomão*, que ocupa, com o livro da Sabedoria, o Tomo XXII da sua vasta obra *História Bíblica*. A explanação do título é sugestiva para fazermos uma ideia do objectivo e da metodologia que o autor se propôs seguir: «...e doutrina moral da religião catholica, extraída dos Livros Santos do Antigo Testamento, com frequentes paráfrases e várias notas literaes e reflexões moraes, para sua maior e mais proveitosa intelligencia»⁴³. Ao lado da tradução portuguesa encontra-se o texto latino em tipo itálico, que nem sempre corresponde àquela, por exemplo no capítulo 7º. Aliás, não se pode falar de tradução em sentido estrito, porque o leitor se confronta com uma paráfrase do texto bíblico, versículo por versículo. Além das introduções a cada capítulo, são abundantes as notas explicativas de cunho moral e alegórico.

A leitura que Sarmiento faz do «Cântico» é eminentemente cristológica e eclesiológica, personificando na Igreja os desejos da Esposa e em Cristo os favores do Esposo. Apesar de manter o sabor poético, a paráfrase reduz a universalidade e abertura do texto, fazendo dele um retrato das relações entre Cristo e a Igreja. Poucos exemplos bastam para fazer uma ideia da versão que Sarmiento nos legou, deixando-nos por vezes entre o sorriso e a admiração: «Oxalá que aquele Esposo, tão solenemente prometido, por tanto tempo esperado e tão ardentemente apetecido, venha sem demora, e me dê um ósculo da sua boca. Sim, meu Amado, vinde já extinguir a sede em que a minha alma se abraza, porque os vossos

⁴³ Lisboa 1784.

amores são melhores do que o vinho mais excelente, e de maior fragrância que os mais preciosos perfumes» (1, 1); «Os teus dois peitos ou castos amores são como dois filhinhos gémeos da fêmea de um cabrito montês» (4, 5); «Volta, volta, ó Sulamite, esposa de Salomão» (6, 12); «A parte superior do teu ventre é como uma taça formada ao torno» (7, 2).

Na *História da Bíblia Abreviada*, Tomo V (Lisboa 1788), do mesmo autor, encontramos uma introdução, entre outros, também ao livro do «Cântico dos Cânticos»⁴⁴.

Da mesma época é a tradução portuguesa da Bíblia feita por Peter Rahmeyer (1699-1757), um comerciante de Hamburgo, cujo texto se perdeu durante a 2ª Grande Guerra. A obra manuscrita, registada na Stadt Bibliothek de Hamburgo, repartia-se por dois volumes, o primeiro dos quais terminava com o «Cântico dos Cânticos»⁴⁵.

Uma tradução interessante de *O Cântico dos Cânticos em português* encontramos-na na II Parte de um outro códice setecentista da BNL (Cod 3225), cujo título é o seguinte: «O Cantar dos Cantares ou canto perfeitíssimo sobre todos os mais, em nosso vulgar. Foi esta tradução compilada e metida por ordem por uma sociedade em Lisboa. Anno de 1781». Cada página é dividida em 2 colunas: 1-texto latino; 2-texto português; à margem, abreviaturas de fontes de tradução. A disposição sinóptica das páginas denota um espírito crítico, que a tradução literal com sabor poético parece confirmar. Precede uma breve introdução e ocupa 34 páginas não numeradas (Apêndice II).

No título, a expressão «Canto perfeitíssimo sobre todos os mais», referenciada a Calvino (Homiliae 2, 534) e a citação paulina de «a letra mata, mas o espírito dá vida» (2 Cor 3, 6) segundo a versão de Almeida (João Ferreira), a que se junta, no fim, a indicação dos autores tidos em consideração⁴⁶, tudo faz pensar num trabalho sério promovido por uma sociedade que se oculta no anonimato.

Interessante a introdução, que, de forma sucinta, chama a atenção para as ideias mestras de uma «leitura cristã» do *Cântico* a

⁴⁴ Lisboa 1788

⁴⁵ Cf. PETERSEN, *Geschichte*, 85, Anm. 2; LUÍS SILVEIRA, *Portugal nos Arquivos do Estrangeiro* I, 1946, 13-21.

⁴⁶ Diz apoiar-se em 28 autores, dentre os quais se salientam: Fr. Amador Arrais, Fr. Bernardo de Alcobaça, Fr. Bernardo de Brito, D. Hilarião Brandão, Fr. Heitor Pinto, etc. - Na I Parte encontra-se uma tradução de «Anacreonte», incompleta, feita por Francisco Malhão.

partir do pensamento de S. Paulo (Ef 5, 25-27) e de Sto. Agostinho (não se trata de um poema profano, mas do cântico inspirado do amor de Cristo-Esposo à Igreja-Esposa):

«Não se me esconde, pio leitor, ser tudo o que se trata noz Cantarez de Salamao leitura do Spírito Santo entre Christo e a Igreja já debaixo deste título ou forma de Espozo e Espoza ou de amador e amada, com que quiz mostrar o amor e união do spiritual conubio que com ella contratou, qual S. Paulo depoiz declarou dizendo desta maneira: *Maridoz, amai vossas mulherez como Christo amou a Igreja e se offereceo à morte por ella, pera que a fizesse assi Igreja glorioza, sem magoa ou ruga ou cousa semelhante, maz pera que sempre fosse sancta e sem magoa.* Porque he erro intoleravel poder pensar que foram rimaz escriptaz de amor profano dirigidaz a creatura alguma que a este se podesse espartar. O gloriozo Santo Agostinho o declara divinamente, dizendo: *Agora he despozada a Igreja, e a Virgem se hade levar àz vodaz.* E dando rezao por que se chama Espoza ajunta: *Quando se contem da corrupção secular. Maz cazará naquelle tempo quando perecendo nella toda a mortalidade gozará da imortal conjunçam*».

À distância de quase dois séculos da tradução do Cod 2817, esta deixou de ser parafrástica, reflectindo uma preocupação de verter literalmente o texto da Vulgata e de se apoiar em autores vários. Estilisticamente o poema parece ter empobrecido e a própria ortografia com as suas variações frequentes não representa um progresso. A preocupação em determinar as diversas cenas do drama e o diálogo dos intervenientes não existe. Às dificuldades de alguns versículos junta-se o realismo de outros. Em fins do séc. XVIII uma versão como esta chama a atenção para a escassez de traduções bíblicas e para as dificuldades de as fazer entre nós. As versões feitas por Almeida e por Figueiredo ainda não tinham encontrado grande divulgação. A presente tradução, além de reflectir essa carência, oculta o desejo piedoso de ter acesso na língua vernácula a um texto particularmente belo da Escritura, onde se via o canto de amor de Cristo e da Igreja. E apesar de tudo, interrogamo-nos por que a esta versão não esteve reservada melhor fortuna!

Um outro códice da BNL (Cod 7831) do séc. XVIII, embora não seja uma tradução propriamente dita, tem como conteúdo o «Cântico dos Cânticos», do qual faz uma leitura espiritual. Composto em forma de oração, destinava-se à edificação religiosa

e à piedade. Traz o título: «Anno affectivo ou Sentimentos sobre o amor de Deos tirados do Cântico dos Cânticos»⁴⁷.

Os textos bíblicos, citados em latim, são objecto de um longo comentário, cujo autor aparece como pessoa culta e piedosa.

A uma longa introdução segue-se um comentário, projectado para 52 semanas, compreendendo cada uma 7 sentimentos. Estamos perante um comentário-meditação, em que as paráfrases têm em conta os diversos estados da vida espiritual: vida purgativa, iluminativa, unitiva. Como a obra se encontra incompleta, até à 17ª semana são tratados os seguintes temas ou qualidades do amor:

1-Amor penitente; 2-Amor gemente; 3-Amor sofredor; 4-Amor obediente; 5-Amor humilhado; 6-Amor de reconhecimento; 7-Amor de privação; 8-Amor operante; 9-Amor de confiança; 10-Amor exacto; 11-Amor de progresso; 12-Amor indagador; 13-Amor de atractivo; 14-Amor sincero; 15-Amor terno; 16-Amor forte; 17-Amor generoso.

No séc. XIX

No séc. XIX assistimos a uma presença notável do «Cântico dos Cânticos» nas obras dos autores portugueses, despojando-o da vertente mística, operando assim uma espécie de «secularização». O «Cântico dos Cânticos» aparece como mote inspirador de paráfrases, cujo quadro dramático ou teatral se insere no espírito do Romantismo, onde a interpretação natural e moral é objecto de actualização ou transposição. Divulgam-se os temas do «Cântico», plagia-se o génio do autor bíblico, em composições mais endereçadas a um espectador do que a um leitor do texto.

É o caso de J. Coelho de Carvalho que fez do «Cântico dos Cânticos» uma tradução (Coimbra 1878) e uma paráfrase em 5 actos e um Epílogo na obra *Versos* (Lisboa 1884), onde aparecem os seguintes intervenientes: Salomão, Sulamite, Harem, Pastor, coros, irmãos. Caso semelhante é o de Mucio Teixeira que publica no Brasil uma tradução em verso do «Cântico», apresentando dele na obra *Poesias e Poemas*⁴⁸ um drama em 5 actos.

Na mesma corrente de cunho literário caem as poesias de João de Deus sobre «Cântico dos Cânticos de Salomão» nas *Flores do*

⁴⁷ Este Ms incompleto, proveniente do convento da Estrela (Lisboa), é a tradução da obra do P. Jean Baptiste Avrillon, *L'Année affective ou sentiments sur l'amour de Dieu tirés du Cantique des Cantiques*, Paris 1707, 1866. Contém só a I Parte, até à 17ª semana.

⁴⁸ Rio de Janeiro 1888, 151-234.

*Campo*⁴⁹ e de Antero de Quental *A Sulamita*, soneto inspirado no «Cântico dos Cânticos»⁵⁰, assim como o *Cântico dos Cânticos* de Guimarães Fonseca que do texto bíblico só fez uma imitação⁵¹.

No séc. XX

Durante este período, o «Cântico» continua a servir de fonte de inspiração para as composições literárias de vários autores⁵². Situando-se na linha teatral Samuel Maia apresentou a tragédia *Berenice da Judeia*, em 3 actos com 2 *Cantos* inspirados no «Cântico»⁵³. Também Mário Hora compõe a peça de fundo bíblico, em 3 actos e 6 quadros, *O Cântico dos Cânticos*⁵⁴. Mais tarde, S. J. Ribeiro publica um estudo crítico do poema, com novo texto e peça teatral baseada na «megillath» hebraica, *Cântico dos Cânticos*⁵⁵.

Mas o que é característico deste século é a série de traduções, feitas com a preocupação de respeitar os textos originais, seja no Hebraico, seja nos LXX, seja na Vulgata. Esta é, sem dúvida, uma das constantes mais acentuadas, tanto mais que se assiste a uma proliferação de traduções integrais ou parciais da Bíblia e a numerosos estudos específicos do «Cântico dos Cânticos» no contexto dos livros sapienciais.

Assim, depois do *Cântico dos Cânticos de Salomão* pelo Padre M. Cabral⁵⁶, encontramos o *Sir Hassirim* (Cântico dos Cânticos) pelo P. José Rodrigues de Almeida e Castro⁵⁷ que lhe serviu para apresentar um estudo literário sobre a poesia hebraica. Para obviar a escassez de estudos sobre o «Cântico», em português, António N. Mesquita publica *Estudo do Livro do Eclesiastes e Cantares de Salomão*⁵⁸.

⁴⁹ Porto 1876, 231-265.

⁵⁰ *Sonetos Completos*, Porto 1886, 28.

⁵¹ Lisboa 1865.

⁵² MÁRIO R. MARTINS, *Cântico dos Cânticos: Poemas em prosa*, Rio de Janeiro 1938. O mesmo se diga de algumas poesias de CAMILO PESSANHA e de CÂNDIDO GUERREIRO.

⁵³ Ílhavo 1905, 30-32.

⁵⁴ Rio de Janeiro 1960.

⁵⁵ Rio de Janeiro 1970.

⁵⁶ Porto 1906.

⁵⁷ Porto 1916; Coimbra 1919.

⁵⁸ Rio de Janeiro 1977, 1980.

Durante a guerra, Samuel Schwarz judeu polaco a residir em Portugal, preparou uma cuidada versão do *Cântico dos Cânticos*, a partir do hebraico⁵⁹, subdividindo os oito capítulos do texto em 24 cantos, obra mais tarde publicada também no Brasil⁶⁰. Aqui vão aparecendo outras versões do livro: *Cântico dos Cânticos* pelo poeta brasileiro Augusto Frederico Schmidt⁶¹; *Cântico dos Cânticos* por Jamil Amansur Haddad⁶² que do livro apresenta versão, introdução e notas; com a sua colaboração, também João de Deus e José Benedito Cohen apresentaram uma tradução do «Cântico»⁶³. Uma outra edição é a do beneditino Estevão Bettencourt que traduziu, introduziu e anotou *O Cântico dos Cânticos*, dividindo-o em seis poemas⁶⁴.

No Brasil, as traduções do «Cântico» têm-se sucedido umas às outras: em tradução livre do hebraico por Severino R. Gisder⁶⁵; em tradução do original por Gaspar Kruz⁶⁶, por Oswaldo Ramos⁶⁷, em tradução da versão inglesa por Carlos Rizzi⁶⁸. Em Portugal, apareceu recentemente, uma outra versão, a partir do grego, do *Cântico dos Cânticos de Salomão*, feita por Albano Martins para comemorar o 25º aniversário da Cooperativa Árvore⁶⁹, cuja dimensão artística é sublinhada por dez litografias ilustrativas do poema.

Nas últimas décadas, em Portugal e no Brasil multiplicaram-se extraordinariamente as edições integrais da Bíblia. Muitas delas apelam para os textos originais. Algumas apoiam-se ainda na mediação de versões francesas, preparadas por equipas de consagrados biblistas (Bíblia de Jerusalém, de Maredsous, do Instituto Bíblico de Roma, da Tradução Ecuménica da Bíblia). A estas edições juntam-se outras traduções: do P. Matos Soares (Vulgata); da *Bíblia Ilustrada* (Hebreu e Grego), edição monumental dirigida pelo Cónego

⁵⁹ Lisboa 1942.

⁶⁰ São Paulo 1949.

⁶¹ Rio de Janeiro 1938, 1949.

⁶² Rio de Janeiro 1950.

⁶³ São Paulo 1944; Rio de Janeiro 1969, 1984.

⁶⁴ Rio de Janeiro 1957.

⁶⁵ Rio de Janeiro 1988.

⁶⁶ Rio de Janeiro 1988.

⁶⁷ São Paulo 1989.

⁶⁸ São Paulo 1989.

⁶⁹ Porto 1989?

Galamba de Oliveira; dos Padres Capuchinhos e dos Paulistas (línguas originais).

Em todos estes casos a versão do «Cântico dos Cânticos» apresenta limitações, assume variantes, onde se adivinha a dificuldade textual de alguns versículos e onde é posto à prova o génio tradutor. Além da fidelidade ao texto, a problemática do «Cântico», hoje, reside na beleza da formulação literária ao serviço do tema eterno do amor. A tradução que melhor vier a conseguir essa síntese impor-se-á a todas as outras, mas tal facto não é independente, isolado, da versão dos outros livros da Bíblia.

A penetração do *Cântico dos Cânticos* na literatura portuguesa é um tema ainda não esgotado e, concerteza, foi anterior à tradução do mesmo para vernáculo. Se a sua tradução, como dos outros livros bíblicos, era dificultada pela legislação tridentina, não o foi menos pelo aparecimento de traduções em língua castelhana a que tinham acesso Espanha e Portugal, sobretudo num período em que os dois países se encontravam unidos sob a mesma coroa (1580-1640). Para além do texto em latim ou em vernáculo, havia, incontestavelmente, outros níveis de transmissão que passavam pela escola, pela liturgia e pela pregação, e sinal disso são os exemplares manuscritos das antigas bibliotecas conventuais. Se a isto acrescentarmos a beleza literária do livro e a sublimação poética desta lei do Amor, compreendemos melhor a extraordinária sedução que o «Cântico dos Cânticos» exerceu nos literatos e místicos portugueses de todos os períodos da nossa história.

Esta resenha histórica da presença do texto do «Cântico dos Cânticos» na literatura, na mística e na teologia dos autores portugueses deixa em aberto o quadro comparativo das diversas versões. Aí abrem-se novas perspectivas seja no campo de uma nova tradução que tenha em conta o estado crítico dos textos originais, seja no campo da linguística, a pôr em evidência as características próprias de cada época, e ainda no campo da espiritualidade e da teologia, onde faltam sínteses dos trabalhos que os séculos passados nos legaram.

APÊNDICE I

CANTICUM CANTICORUM SALOMONIS* (BNL Cod 2817)

Actus Primus

Caput 1

Sponsa

- § 1 Con hua e muytas pazes(?) de boca
elle me dee a sua paz e me ensine,
porque melhores são vossos peitos,
moradas de vosso Amor,
caricias e affagos vossos,
do que são preciosos vinhos
con que me querem atentar os espiritos;
e a fragrancia que de vós sae,
melhor que a todos os liquores e unguentos preciosos.
E por isso das donzellas fostes sempre Amado.
- § 2 Vinde e levaime,
pois não posso per mim ir,
e todas após vós correremos,
levadas do precioso cheiro
dos vossos cheirosos unguentos.
- § 3 Assim como jaa outra vez me fez,
assim de novo me meterá
na casa de suas riquezas e delicias
este meu Rey e Pastor.
Entao nos alegraremos em vós,
lembradas daquelles peitos,
assento de vosso Amor,
que passa por todo o vinho precioso.

* A transcrição dos dois códices em Apêndice respeita os textos manuscritos, inclusive em palavras com igual grafia, mas diversamente escritas. As poucas modificações introduzidas na ortografia, na pontuação e na divisão do texto, destinam-se a facilitar a leitura, contemplando, sobretudo, casos de nasalação (*m* final ou ~), cedilha ou acentos.

Enfim, os Rectos são os que vos amão,
Amador da equidade.

- § 4 Não alva, mas preta sou,
ó filhas de Hierusalem,
como as tendas pastoris dos Agarenos,
mas fermosa como os fermosos
goderim (ios) das tendas de Salamao.
Não vos enleeis com a pretidam
que em mim vedes,
porque os rayos do Sol que em mim davão,
andando a elle,
me fizeram assim preta.
Os filhos de minha may, alevantados contra mim,
me poserão em guarda de suas vinhas,
e eu a minha vinha não guardei.
- § 5 Ó vós, a quem minha alma muyto ama,
por algum sinal me mostrai
onde apascentais vosso gado
e onde ao Meodia descançais
e lhe fazeis a malhada!
Pera que saindo eu em vossa busca me não perca
e ande pollos rebanhos dos outros pastores,
como molher descomposta,
preguntando por vós a todos.

Sponsus

- § 6 Se o não sabes, este não conheces,
ó fermosa entre as molheres,
solta os cabritinhos que tens contigo
e vaite, após, elles seguindo tuas pegadas,
e ali os apascenta
junto das tendas dos pastores,
que possivel he que ali
aches o que desejas.
- § 7 Como o meu couche e o meu exercito
entre os de Pharao,
me estais parecendo, irmã minha,
entre essas ovelhas.
O vosso rosto assim melhor me parece

do que se fora com grinalda ornado,
 e o vosso pescoço do que se tivera
 rico collar nelle.
 Comtudo, querendovos ornar esse natural,
 pera as orelhas vos faremos arecadas
 e pera o pescoço cadeas de muytos frisos
 cambreados de ouro,
 esmaltados de prata.

Sponsa

§ 8 No banquete que o meu Rey e Esposo
 me deu ao modo da terra,
 estava elle deaccovado
 em o seu rico leito comendo,
 ficandome com a cabeça no meu peito,
 como se costuma neste modo de comer.
 Então o meu precioso unguento,
 de nardo feito, derramado,
 fez muy bem seu officio.
 Digovos, companheiras,
 que elle encostado ao meu peito
 me he hum ramalhete
 e huma almofadinha de cheirosa mirra
 que sempre residirá em o meio do meu coração.
 Porque elle me he pera mim
 hum bagoado cacho,
 melhor que o das vinhas altissimas de Chipre
 ou das vinhas de Engadi.

Sponsus

§ 9 Eis como e o porque sois fermosa,
 esposa e irmã minha.
 Sois fermosa, porque os vossos olhos
 são como os das pombas de Syria,
 claros e reluzentes.

Sponsa

Ante vós, Amado meu,
 sois o fermoso e alegre,
 não somente nos olhos,

mas em toda a composição da vossa pessoa.
 A casa vos offereço,
 que está forrada de cedro
 e sipada de aciprestes,
 o leito em que descanceis cuberto de flores,
 que parece estar florido.

Caput 2

Sponsus

- § 1 Se vos tendes por frol do campo
 e por lirio dos vales,
 entendei que eu sou a verdadeira frol e lirio.
 Mas tambem digo:
 qual he o lirio entre as espinhas,
 tal me parece esta minha entre as filhas.

Sponsa

- Antes digo:
 que qual parece huma maceira carregada de fruta
 entre as arvores sylvestres,
 tal he o meu amado entre os filhos.
- § 2 À sombra daquella maceira carregada de fruto,
 por quem sempre suspirei de me a sentir,
 colhia eu do fruto della
 e ao engolir me era muy gostoso
 o fruto que comia.
 Meteome este meu Rey e Esposo
 em a adega dos seus vinhos,
 ali me arrumou o Amor
 e me fez como Alferez da bandeira do seu Amor.
- § 3 Acodime com cheiros de flores e de maçans
 e com ellas me cercai e alentai,
 porque de amor desfaleço.
 Acudame tambem elle,
 ponha sua mão esquerda debaixo da cabeça
 e com a mão direita me tenha.

Sponsus

- § 4 Assim vos Deus dee boa caça de veados
 e cabras montezinhas,
 ó filhas de Hierusalem,
 que ha caça dellas por estes campos andareis.
 Vos peço e esconjuro que a esta Amada,
 a quem o sono do Amor tomou e dorme,
 não acordeis nem façais com que delle acorde,
 antes a deixeis dormir
 tee que ella per si acorde.

Sponsa dormiens et somnans

- § 5 Ouço a voz do Amado,
 jaa o vejo vir passando os montes
 e saltando os outeiros.
 A mim me vem parecendo na preça,
 a cabra montezinha e o gamo de veado
 chegado tem detrás da parede de nossa casa;
 está olhando pollas cancellas
 e pollas janalogias das janellas,
 jaa este meu Amado me falla e me está dizendo:
 Alevantate, apreçate, Amiga minha,
 Pomba minha, Formosa minha, e vinde.
 Jaa o Inverno he passado,
 as chuvas delle são jaa idas,
 as flores aparecerão na nossa terra,
 o tempo da poda he chegado,
 as vozes das rolas se ouvem jaa em a nossa terra,
 os figos começam a aparecer nas figueiras,
 as vinhas florecem e dão jaa seu cheiro.
 Portanto, alevantaivos, apreçaiivos,
 Amiga minha, especiosa minha,
 e vinde, columba minha,
 do alto desta rocha, das cavernas das pedras.
 Ali me mostrai vosso rosto,
 ali oução minhas ovelhas a vossa voz,
 porque pera mim a vossa voz he suave
 e o vosso rosto decoro.
 Acodi às rapozinhas que andam em a nossa vinha,
 tomaias, que tudo destroem,
 porque a vinha está em frol.

O meu Amado pera mim,
 e eu pera elle, que se apascenta entre os lirios.
 Enquanto o dia tem mão
 e as sombras da morte não vem,
 tornai, Amado meu,
 e nisto vos assemelhai às cabras montezinhas
 e aos gamos dos veados
 que andam sobre os montes de Bether,
 montes divisos empardados.

Caput 3

Sponsa

- § 1 Acordei deste sono que vistes:
 sendo de noyte, estando em meu leito,
 busquei o Amor de minha alma,
 e acordada não achei a quem
 por sonhos sonhando achava.
 Tornei a tomar o sono
 pera ver se sonhando achava
 quem acordada não achava.
 E não o achei.
 Alevantarmeei, cercarei a cidade,
 por becos e ruas buscarei
 a quem minha alma ama.
- § 2 Allevantada, say pella cidade,
 tudo corri, e não o achei.
 Achoume hum dos soldados que vigiam a cidade,
 ao qual fallei:
 Porventura vistes
 aquelle a quem minha alma ama?
 Não me respondendo,
 passei adiante, preguntando por elle.
 Passando por elles,
 muy pouco tinha andado,
 quando achei a quem minha alma ama.
 Delle afferrei, e jaa não o alargarei
 tee o levar a casa de minha may
 e na sua camara o encerrar.

Sponsus

§ 3 Pois do grande trabalho
 que esta esposa teve em me buscar,
 adormeceo do sono de Amor.
 Tornovos a esconjurar,
 filhas de Hierusalem, que nestes campos andais
 que assim vos eide tratar,
 como tratais com vossos arcos e setas
 as cabras montezinhas e gamos do campo,
 se acordardes ou fizerdes com que acorde
 esta Amada do sono do Amor em que está.
 Deixaia dormir
 tee que por si acorde.

Sodalium cantus

§ 4 Enquanto a esposa dorme,
 as companheiras em choro
 cantavam esta letra:
 Quem he esta que polla solidam vai subindo
 e alevantandose como cheiroso fumo de Pinete,
 composto de mirra, encenço
 e mais materiais aromaticos!
 Eis o leito de Salamao,
 cercado de sessenta fortes e destros soldados
 com espadas nas mãos e espadas nas cintas,
 por rezão dos arreços da noyte!
 Humas andas fez pera si El Rey Salamao:
 a madeira dellas era do Lybano,
 as colunas de prata,
 o encosto de ouro,
 as cortinas de púrpura,
 com sobreceo de carmesim,
 no meo hum simbolo e representação do Amor,
 per affeição as filhas de Hierusalem.
 Say logo, filhas de Hierusalem e Siam,
 a ver El Rey Salamao,
 coroadado da coroa de que sua may o corouo
 no dia dos seus desposorios,
 no dia da alegria do seu coração.

*Caput 4**Ipsius Sponsi cantus 1.*

- § 1 Quam fermosa me pareceste,
 assim dormindo, Amada minha,
 quam fermosa!
 Os vossos olhos por debaixo desses cabellos,
 que sobre elles vos caem,
 me parecem de pomba, das de Syria.
 Os vossos cabellos fermosos,
 delgados e corredios,
 como tem as cabras apascentadas
 no monte fertil Gallaad.
 Os vossos dentes,
 como ovelhas tosqueadas, com seus cordeiros,
 quando saem de se banharem juntos.
 Os vossos beiços,
 como fita carmesim.
 O vosso falar,
 suave.
 As faces de vosso rosto,
 como pedaços de romã.
 Afora o mais que laa vai por dentro,
 que de fora se não vee.
 O vosso pescoço,
 como a torre de David,
 que se edificou com baluartes,
 cujo almazem tem todo o genero de armas
 pera pelejar.
 Os vossos dous peitos
 são como o rosto de dous cabritinhos
 que se andão apascentando entre os lírios.

Sponsus

- § 2 Voume, e não me quero deter,
 enquanto o sol vai subindo
 e desfazendo as sombras
 e a calma dura.
 Voume ao monte plantado de mirra
 e ao outeiro de encenço.

Sponsi cantus 2.

- § 3 Toda sois fermosa,
sem vicio algum,
Amada minha.
Say e vinde desse Lybano,
Amada minha.
Coroarvosemos de vossas vitorias
das feras dos prados,
dos lieens que com vosso arco e frecha
matastes em os montes Amana, Seir e Hermon,
nas covas dos lieens
e nos montes dos pardos.
Feristesme e prendestesme,
irmã minha esposa,
com hum de vossos olhos
e com hum cabello do vosso pescoço.

Sponsi cantus 3.

- § 4 Irmã minha esposa,
fermosos são vossos peitos,
vossos afagos, amores e caricias.
Milhores são e mais para estimar
que os vinhos dos banquetes,
pois o cheiro dos vossos unguentos
sobre todas as drogas preciosas.
Os vossos beijos,
um favo de mel, ó Esposa,
mel e leite de baixo de vossa lingua.
O cheiro e fragancia de vossos vestidos,
como cheiro de encenço.

Sponsi cantus 4.

- § 5 Irmã Esposa minha,
vós sois outro Paraiso terrestre,
cercado, onde ninguém entra.
Sois a fonte fechada,
onde ninguem bebe.
As plantas em vós plantadas
fazemvos outro Paraiso,
em vossas romeirãs
com as mais arvores carregadas de fruto:

O cheiroso cypro,
 o precioso nardo
 e florecida crocus
 e a medicinal canafistula,
 com o sinamomo,
 com todas as mais arvores
 que ha no monte Libano.
 Aqui a mirra probatissima,
 aqui os sandalos com as mais ervas e plantas
 de que se fazem os unguentos
 e agoas cheirosas.
 Sois a fonte das hortas
 e o poço de agoas
 que do Libano saem em habundancia.

Sponsus

- § 6 Ventos do Norte,
 alevantaivos daqui.
 Ventos do Sul,
 começay a soprar sobre esta minha horta.
 Seccai o maduro,
 fazei minha ceifa.
 Recolhereis a fruita aromatica.
 E secca dará seu cheiro,
 que madura não pode dar.

Caput 5

Sponsa vigilans

- § 1 Venha o meu Amado a esta sua horta,
 que para elle se abrirá,
 e coma do fruto, do que elle plantou.

Sponsus

- § 2 Vim a fazer a ceifa da minha orta e pomar,
 Irmã minha Esposa,
 cegar a minha mirra
 com as mais cousas aromaticas.
 Comi do meu favo
 e do meu pão com o meu mel.

Bebi o meu vinho com o meu leite.
 Comei, amigos meus,
 e inebriaivos, charissimos.

Sponsa ad sodales

§ 3 Estou aqui deitada e dormindo,
 mas o meu coração não dorme,
 vigia, não se aquieta:
 se porventura he o coração que eu roubei,
 que me anda rodeando a casa meu esposo.

§ 4 Ouço a voz do Esposo bater,
 de que me está dizendo:
 Abrime, irmã minha, Amada minha,
 Pomba minha, sem macula alguma.
 He de madrugada,
 e o orvalho me tem cuberto a cabeça;
 e os aneis dos cabellos
 cheios das gotas da noite estão gotejando.

Sponsa

§ 5 Respondilhe de dentro:
 Estou jaa agasalhada,
 como me eide tornar a vestir?
 Os pees que jaa lavei
 como os eide tornar a por no chão,
 com risco de se tornarem a enfecionar?

§ 6 Não sofreo esta resposta,
 ententou abrir a porta,
 metendo a mão pollas gretas della.
 Eu toda me trespassei,
 logo me alevantei pera lhe abrir.
 Levava ao costume da terra
 huma ambula de mirra cheirosa,
 ao abrir se me quebrou
 e os dedos se me encherão della.

§ 7 Quando abri a porta,
 elle jaa se ya queixando.
 E a alma se me derreteo:
 Busqueyo, não o achei;
 Chamei por elle, não respondeo.

As guardas da cidade me espancarão,
me ferirão e roubarão o manto.
Eu as filhas de Hierusalem esconjurava:
Se achardes o meu Amado,
dizeilhe quam enferma estou de Amor.

Filiae Hierusalem.

- § 8 Que tal he este vosso Amado
sobre todo o Amado,
ó mais fermosa das molheres?
Em que excede este vosso Amado
a toda a cousa amada,
que assim nos esconjurais
lhe demos novas de vós?

Sponsa

- § 9 (A Esposa indica, de modo pastoril, os sinais do Esposo e «mostra ser espiritual e não corporal em seu Esposo tudo aquillo de que vai fallando, porque não é sinal de fermosura ter cabellos negros como de corvo e empeçados como de coco, e a barba como carvoeiro e canteiro de orta, e os olhos como de pomba, e a postura como o Monte Libano, as pernas como de colunas de mármore e os pees como pedestais de colunas»).

Filiae Hierusalem.

Pera onde foi este vosso Amado,
ó fermosa entre as molheres?
Pera onde saindo tomou,
porque o queremos convosco buscar?

Caput 6

Sponsa

- § 1 O meu Amado que buscava
tinham ficado na sua orta,
entre os canteiros aromaticos,
pera se recrear e nella colher lirios e flores.
Aqui onde se elle recrea
entre os lirios e flores
ficarei eu com elle e elle comigo.

Sponsus canit

§ 2 Fermosa sois, Amada minha,
 suave e dina de todo o decoro,
 como Ierusalem;
 mas tambem espantosa
 como exercito bem composto.
 Abaixay os olhos e não os fiteis em mim,
 porque o que vejo em vós
 me lança fora de mim.
 Os vossos cabellos,
 como os das cabras de Galaad.
 os vossos dentes de cima e de baixo,
 como ovelhas com seus cordeiros,
 quando passam alguma ribeira.
 As faces de vosso rosto,
 como duas ametades de romans.
 Isto soo quanto ao que com os olhos vemos
 Sessenta são as rainhas
 que com solenidade recebi;
 oytenta são as que sem solenidade
 tinha recebido;
 as donzellas não tem numero.
 Mas huma soo he a minha Pomba,
 huma a que acho perfeita,
 unica de sua may,
 escolhida de quem a gerou.
 A esta virão as filhas irmans
 e pregoaraona por ditosa e bemaventurada.
 As mais rainhas a louvarão
 e todas cantando seus louvores dizião:
 Quem he esta que vai subindo,
 como a estrella d'alva,
 fermosa como a Lua,
 escolhida como o Sol,
 espantosa como a frota
 de hum exercito bem ordenado?

Sponsus

§ 3 Depois que me apartei de vós,
 desci ao pomar das nozes,
 pera ver a fruta do valle,

se florescia a vinha,
se arebentavão as romeirãs.

Sponsa

Isso não sabia eu.
O que vos eu sei dizer
he que toda me perturbei,
quando me vi em vós,
lembrado dos coches de Aminadab.

Sponsus

- § 4 Tornai, e não vos esqueçais de tornar,
perfeita e pacífica Sulamitita.
Tornai, e não vos detenhais sem tornar,
porque não podemos estar sem vos vermos.

Sponsa

Que podeis vós ver em esta Sulamite,
que tanto me encomendais a tornada?

Sponsus

O que verei na Sulamite
serão danças de arrayaes
e soldados de arrayaes,
quando tornam da vitoria!

Caput 7

Chorus et cantus sodalium

- § 1 (A pastora encontra-se diante das companheiras, as quais lhe cantam «hum romance das perfeições que nella vião por razão dos quais tanto sentião sua ausencia e suspiravão por sua presença. O romance a vai gabando dos pees ha cabeça e em cada palavra das perfeições corporais que entre as mulheres são de estima vai entendendo mysterios altissimos espirituais»).
- § 2 (A Pastora ouviu o canto de seus louvores de tudo fazendo pouco caso. Só uma coisa lhe interessa: «Amar a elle e ser amada delle que he o mesmo que ser todo hum do outro. E tomando seu esposo pella mão convidao a se apartarem da cidade pera o campo»).

*Caput 8**Sponsa*

- § 1 Quem se vira naquelle tempo, de vós menino,
irmão meu Amado,
ao peito de minha may.
Porque achandovos, fora, menino,
sem pejo vos abraçara
e chegara a minha boca ao vosso rosto.
E ninguem por isso que me visse fazer
me tivera em menos conta.
E o que eu então sem pejo fizera,
sem pejo dos juizos dos homens que me vissem,
como a menino de peito e irmão
no collo vos tomara
e da rua pera casa de minha may vos levará.
Como criança convosco fálara,
e vós aí me ensinareis
modos de vos agradar e a beber.
Ali vos dera eu como a criança a beber
vinho agoado de confeições
e o sumo das minhas romans.
- § 2 A sua mão esquerda me sustente a cabeça
e a sua mão direita toda me tenha
em este meu delirio e trespaço.

Sponsus

A vós as filhas de Ierusalem esconjuro,
como outras vezes tenho feito,
que a esta Amada não acordeis,
antes a deixeis tee que ella
deste sono velador per si acorde.

Filiae Hierusalem.

- § 3 Quem he esta que do deserto sobe,
chea de delicias e contentamentos
encostada ao seu Amado vem?

Sponsa

- § 4 Quando pollo que em mim vistes vos movi
e vos movestes a dar amor,

à sombra de huma maceira estaveis,
 maceira a cuja sombra he fama
 que vossa may vos parira e vós nacereis.

Sponsus

- § 5 Comigo como com cello
 cellai esse vosso coração;
 E comigo como com cello
 cellai tambem esse vosso braço.
 Porque o Amor é forte como a morte.
 E a emulação, ciumes e suspeitas della
 durão como o inferno e sepultura:
 tal he o amor agravado;
 o sentimento delle quando lhe errão
 são tochas de fogo encendidas.
 As muytas agoas nunqua poderão apagar a charidade
 nem rios caudalosos arrombala.

Sponsa

- § 6 Se der o homem toda sua fazenda,
 sustancia de sua casa pello Amor,
 ainda cuida que nada daa.
- § 7 A nossa irmã he ainda pequena,
 sem as partes pera logo casar.
 Que lhe faremos tee o tempo que nisso se falle?

Sponsus

Se ella he tam recolhida,
 que parece hum muro forte,
 favoreçamos este recolhimento
 com lho ornarmos de prata.
 Mas se he tam pouco recolhida,
 que parece porta aberta,
 recolhamna com brandura,
 com portas fechadas,
 mas de cedro cheiroso.

Sponsa

Se isso soo basta,
 eu tomarei tudo isso sobre mim,
 eu lhe servirei de muro e de torre,

porque o amor tudo pode,
como tivermos paz entre nós.

Sponsa vel Sponsus

- § 8 Huma vinha tinha o pacifico Salamao
no lugar de Baalhamon.
Trazia esta vinha arrendada
a certos guardas dellas.
O que esta vinha arrendou
daa por ella mil dinheiros
e ficase com ganho de duzentos.
Não o farei eu assim na minha vinha.
Levaivos embora, Salamao, os mil
e o vosso rendeiro fique com duzentos,
que eu a minha vinha per mim
e não per outrem a eide grangear.

Sponsus

- § 9 Vós que nas hortas andais
trabalhando e cantando,
os amigos vos estão vendo e ouvindo,
alevantai a voz,
que vos ouça!

Sponsa

- § 10 Fugi, fujamos, Amado meu,
ao modo das cabras montezinhas
e dos gamos dos cervos
aos montes aromaticos!

APÊNDICE II

O CANTAR DOS CANTARES

(BNL Cod 3225)

Capítulo I

- 1 Permita-me o osculo de sua boca,
porque seoz peitos são melhores que o vinho;
- 2 Cheios de fragancia de suavissimos unguentos.
Olleo spargido he o teo nome,
por isso as virgens te amarão.
- 3 Levaimo voz, e apoz voz correremos
com o cheiro de vossos perfumez.
Meteome o Rey na sua recamera,
saltaremos e alegrarnoshemos em voz,
lebradoz dos vossos peitos sobre o vinho:
oz justos e rectos voz amão.
- 4 Sou preta mas formosa,
filhaz de Jerusalem,
como as tendas do monte Cedar,
como oz Godomeciz de Salomao.
- 5 Não ponhaes os olhoz em me verdez fusca,
que o sol mo cauzou;
os filhoz de minha may pelejarão contra mim,
pozeramme por guarda daz vinhas,
e eu não guardei a minha.
- 6 Mostraime quem a minha alma ama,
onde come e onde repouza na sezta do meio dia,
por que não comece a me desviar,
indo apoz az manadaz dos teus companheiros.
- 7 Se te não sabes a maiz fermosa d'antre as mulheres,
saite e vai apoz as pegadaz da tua manada,
e apascenta os teus cabritos
junto daz cabanas dos pastores.
- 8 Fiste semelhante, amiga minha, ao exterior de Deoz,
que triunfou dos carros e cavallos de Pharao.
- 9 As vossas faces são fermozas como da Rolla,
e a belleza de vosso collo se ve bem
e apparece na fermosura doz collarez.

- 10 Arrecadas de oiro maciço
lavradas de prata a voz daremos.
- 11 Enquanto estive o Rey em o seu encosto,
o meu nardo deo seo cheiro.
- 12 O meu amado ha feito a mi hum molho de myrrha,
eu o agazalharei sempre entre os meus peitos.
- 13 O meu amado he para mim hum cacho de Cypro
daz vinhas de Engadi.*
- 14 Como soiz fermosa espoza minha,
como soiz fermosa,
vossoz olhoz como os daz pombaz.
- 15 Eis, tu, meu amado, es fermoço,
o nosso leito he florido.
- 16 O madeiramento daz nossaz cazas he de cedro
e os forros de ceypreste.

Capítulo II

- 1 Eu sou flor do campo e lilio doz valles.
- 2 Como o lirio entre az espinhas,
assim a minha amiga entre as filhas.
- 3 Leva na graça aos mais filhos de Adam
a mesma vantagem que hum pesegeiro florido
às arvorez silvestres.
Assentada me puz à sombra do que maiz queria,
e a suavidade de seu fruto
foy sobremaneira suave à minha graganta.
- 4 Meteome na adega dos seus vinhos,
e ordenou em mi a sua charidade.
- 5 Sostendome com florez,
e sustentaime com maçãas,
porque estou enferma de amor.
- 6 Com a mão esquerda me sustenta a cabeça
e com a direita me abraça.
- 7 Eu vos ajuro, filhas de Hierusalem,
polloz gamoz e cervos doz campos,
que não esperteiz nem façais alevantar a Senhora
atee que ella queira.

* (Isto he ramalhete de flores muy fermozas e cheirozas, que davão as arvores que se chamavão cypros em as vinhas de Engadi)

- 8 Voz he do amado,
eis este vem saltando em os montez
e atravessando outeiros.
- 9 Semelhante he o meu amado a gamo
e aos filhos dos cervos.
Eis que o meu amado está de traz da nossa porta,
olhando per as frestaz della,
espreitando per gretaz.
- 10 Voz he do amado:
Alevantaivoz e apressaivoz,
amiga minha, pomba minha, formosa minha,
e vinde.
- 11 Porque ja he passado o inverno,
a chuva ja cessou e se foi:
- 12 As florez aparecerão na nossa terra,
o tempo da poda he chegado,
a voz da rola ja se ouvio na nossa terra.
- 13 A figueira arrebentou com os primeiroz figos
e az vinhas florecem,
commonicando aoz sentidos a suavidade do seu cheiro.
Levantaivoz, amiga minha, formosa minha,
e vinde.
- 14 Minha pomba que estaez nas buracaz da pedra
e naz cavernas da terra,
mostraim e a vossa face,
soe vossa voz em minhas orelhaz,
porque vossa voz he muy doce
e vossa face fermosa em grande maneira.
- 15 Tomainos az rapozinhaz
que destroiem e dannam az vinhaz,
porque a nossa vinha enfloreceo.
- 16 O meu amado a mim e eu a elle:
repouza e come entre os liris.
- 17 Emquanto não vem o dia claro
e acabam de todo az escuridades da noite,
tornai, amado meu,
ou como cabra montezinha
ou como gamo do cervo,
que vem aos saltoz sobre os montez de Bether.

Capítulo III

- 1 Por algumaz noitez busquei em o meu leito
aquelle a quem ama minha alma,
busqueiho e nam ho achei.
- 2 Levantarme-ey,
e cercarei a cidade per az ruaz e praçaz,
buscarei aquelle que ama a minha alma,
busqueyo e não o achei.
- 3 Encontrarão-me os guardas da cidade.
«Porventura vistez aquelle a quem ama minha alma?»
- 4 Tanto que por ellez passei hum pouco,
logo achei minha alma;
lancei mão por elle, nem ho dexarei,
maz recolhelohey naz pousadas de minha may
e na camera daquella que me gerou.
- 5 Filhas de Jerusalem, eu voz conjuro
pelaz cabraz e peloz cervoz do campo,
que não desperteiz nem façaez acordar
a minha querida, até que ella queira.
- 6 Quem he esta que sobe pelo dezerto
como varinha de fumo exhalado de myrrha, incenso,
e do pó de todaz az especez aromaticaz?
- 7 O leito de Salamao cercão-o secenta soldadoz
esforçados e escolhidoz de todo Israel.
- 8 Cingidoz com suaz espadas,
experimentadoz e doutoz na guerra,
tinha cada qual a espada noz talabartes
por respeito doz temorez da morte.
- 9 Hum retrete ou estrado fez Elrey Salamao
de madeira de monte Libano.
- 10 Os balaustez de prata,
a cadeira de ouro,
os degraoz erão de purpura,
co pavimento entertalhado de charidade,
por amor daz filhaz de Hierusalem.
- 11 Sahi a ver, filhaz de Sion,
o Rei vosso Salamao com diadema ou coroa,
com a qual o coroou sua may
no dia doz seuz esposouroz
e no dia da alegria do seu coração.

Capítulo IV

- 1 Como soiz fermoza, amiga minha,
como soiz fermoza!
Teus olhoz são de pomba,
alem do que dentro está escondido,
os vossos cabelloz são como os fatoz das cabras,
que sobirão do monte Galaad.
- 2 Os vossos dentes como rabanhos de ovelhas tosquiadas,
quando sobem rioz onde se lavaram,
todaz cercadaz de cordeirinhos gemeoz
e entre as quaez nenhuma he forra.
- 3 Os vossos beiços sam como fita encarnada,
e vossas palavraz sam docez como hum pedaço de romã,
assi as vossas fermozaz faces,
alem do que se não pode ver.
- 4 O vosso pescoço he assi como a torre de David
edificada com seuz baluartez
e com mil escudoz que estam penduradoz nella
e totalaz armaz doz fortez.
- 5 Os vossos doiz peitoz,
como doiz cabritinhos gemeoz
que pastão entre acuçenaz.
- 6 Enquanto não vem o dia claro
e se acabão de todo as escuridades da noite,
subirei ao monte da myrrha
e ao outeiro do incenso.
- 7 Toda fermoza es, amiga minha,
e não ha em voz magoa alguma.
- 8 Vem do Libano, espoza minha,
vem do Libano, vem.
Seraz coroada da cabeça de Amana
e do cume de Sanir e do Hermon,
doz montez doz pradoz e daz covaz doz leões.
- 9 Chagaste o meu coração,
minha irmã e esposa,
chagaste o meu coração em hum doz teoz olhos
e em hum cabello do teu pescoço.
- 10 Que fermozoz são os teoz peitoz,
minha esposa e minha irmã.
Os teuz peitoz são maiz fermozoz que o vinho

- e a fragancia dos teuz unguentoz
excede a todoz os aromaz.
- 11 Favo stillante sam vossos beiços,
mel e leite sob a vossa lingua,
e o cheiro de vossos vestidoz
como o cheiro do incenso.
- 12 Soiz hum jardim fechado,
minha irmãa Espoza,
jardim cerrado e fonte sellada.
- 13 E as coizaz que de voz saem,
paraizo de romeiraz carregadaz de romãaz,
cyproz e nardoz.
- 14 Nardo e açafram, assucar, canela
e toda a sorte de frutos daz arvorez do Libano,
myrrha e aloez,
com todoz os maiz excellentez profumez.
- 15 Fonte de pumarez e ortaz
e poço de aguaz vivaz,
que correm com grande impeto
do alto do monte Libano.
- 16 Levantate vento norte
e vem tu, vento do meio dia,
e sopra em o meu jardim
e darão cheiro as suaz florez.

Capítulo V

- 1 Venha o meu amado ao seu jardim
e coma dos frutoz do seu pomar.
Dai huma chegada ao meu jardim,
Espoza e irmãa minha,
ceguei com feizez a mirrha e maiz couzaz aromaticaz,
comi o meu favo com o mel
e bebi o vinho com leite.
Comei, amigos, e bebei,
e voz charissimos, bebei,
de maneira que voz embebedaiz.
- 2 Eu durmo e o meu coração vigia.
Vos he do amado que bate:
Abrime, minha irmãa, minha amiga,

- minha pomba sem macula,
porque minha cabeça está cheia de orvalho
e meuz cabelloz banhadoz com os choveiroz da noite.
- 3 Despi ja a minha tunica,
como ha eide tornar a vestir?
Lavei meuz pez,
como os eide çujar?
- 4 O meu amado metteo sua mão per o furado,
e ao tocamento esterneceo o meu ventre.*
- 5 Logo me levantei para lhe abrir,
as minhaz mãos stillaram myrrha
e os meuz dedos sam cheios de myrrha muito provada.
- 6 Abri huma fresta da minha porta ao meu amado,
maz elle tinha passado,e ja o não vi.
Ouvindo-o fallar, a minha alma se derreteo em amor;
busqueio, e nam o achei;
chameio, e nam me respondeo.
- 7 Encontraram-me as guardas da cidade,
feriram-me, maltrataram-me,
roubaram-me o meu manto.
- 8 Eu voz ajuro, filhaz de Hierusalem,
se acharez ao meu amado,
dizeilhe que me enfermo de amor.
- 9 Que tal he vosso esposo,
oh maiz bella que todaz as mulherez,
que tal he o vosso amado esposo
pelo qual noz ajurastez.
- 10 O meu amado alvo he e rozado
escolhido dantre mil.
- 11 A sua cabeça he como ouro de muitoz quilatez,
os seuz cabelloz são como az folhaz da palma
e negros como o corvo.
- 12 Os seuz olhoz são como os daz pombaz,
que se assentão sobre as correntez caudalozaz
e se lavão com leite sobre az agoaz
e morão naz alagoaz cheiaz.

* (São palavras da esposa, a qual contou às companheiraz o que lhe acontecera com seu esposo: batendolhe elle à porta, porque achandoa fechada a quiz abrir per força, e metendo a mão por hum pequeno postigo a pertendeo desfechar, e bastou poor elle a mão na porta para sua alma estermecer de medo).

- 13 Suaz facez são como confeiçoez
 feitz per arte de boticario,
 os seuz beiçoiz são assi como liriöz
 que estillam a mirrha primeira.*
- 14 Suaz mãoz torneadas são de ouro fino
 e cheaz de jacintoz,
 o seu ventre he de marfim
 e esmaltado de saphiraz.
- 15 Suaz pernaz como columnaz de marmore
 fundadaz sobre bases de ouro,
 sua presença como a do monte Libano
 e como o cedro maiz fermoço.
- 16 A sua garganta he suavissima,
 todo he para cubiçar.
 Tal he o meu amado,
 e he muito meu amigo, filhas de Hierusalem.
- 17 Para onde se foi o vosso amado,
 o maiz fermoço que todaz as mulherez?
 Para onde se foi o vosso amado,
 e buscalhoemoz comvosco?

Capítulo VI

- 1 O meu amado desceo ao seu jardim
 para colher as frangranciaz e os aromaz do canteiro
 e colher os liriöz.
- 2 Eu do meu amado e o meu amado a mi,
 repouza e come entre os lirios.
- 3 Soiz fermoça, amiga minha,
 soiz suave e tam bella como he Jerusalem,
 terrivel como hum arraial de esquadões ordenado.

* (Esta myrrha primeira, diz Cassiodoro, tem muito mysterio. Estaz arvorez da myrrha dão duaz sortez de fructo: primeira myrrha e segunda. A primeira myrrha he a que dão as arvorez e estillam de si, sem força de cutelo, maz suando de sua livre natureza. A segunda he a que dam com ferro, cortando a arvore. Nam falla o S. de qualquer myrrha, senão da primeira que vem sem ferro e sem força, donde o Hebreo em lugar de *primam myrham* tem *myrham libérum*, que he o mesmo que dizer a myrrha que sahe livre e naturalmente, sem ferro ou força alguma).

- 4 Tirai os olhoz de mi, porque me fizerão voar.
Os vossos cabellos como o fato daz cabraz
que apareceram em Galaad.
- 5 Os vossos dentez,
como as ovelhaz bem lavadas e esmeradas,
todas cercadas de cordeirinhos gemeos
e entre as quaes nem huma he fora.
- 6 Vossas facez são semelhantes à codea da romã,
alem do que se não vê.
- 7 Sessenta são as rajnhas,
as concubinaz oitenta,
as donzellas não tem numero.
- 8 Huma so he a pomba,
unica he a minha perfeita,
huma he a escolhida de sua may.
Virão-na as filhaz de Sion
e lhe chamarão bemaventurada,
as rajnhaz e esposaz a louvarão.
- 9 Quem he esta que sobe como a manhã
que se levanta escolhida como ho sol,
fermoza como a lua
e terrivel como arrayaez de exercitoz bem ordenadoz.
- 10 Descei ao jardim daz nozez
para ver os fructoz doz vallez
e para ver se florecem as vinhas
e se nascem az romãaz.
- 11 Não soube, os dezejos de minha alma
me derão à presa dos coches de Aminadab.
- 12 Volta, volta, Sulamitis;
volta, volta, para que te vejamos.

Capítulo VII

- 1 Que vereiz na Sulamitiz senão choroz de arraiaez?
Fermozoz são teuz pez em teu calçado,
ó filha do Principe;
as juntaz de teuz ombroz são como joiaz
fabricadaz por mão de bom artifice.
- 2 Teu embigo he como huma taça torneada,
que jamaiz necessita de bebidaz.

- O vosso ventre, como hum monte de trigo
cercado de açucenaz.
- 3 Os vossos doiz peitoz
são como doiz cabritinhoz gemeoz.
- 4 O teu collo, como huma torre de marfim,
e os vossos olhos são como as piscinaz de Hesebon,
que estam à porta da cidade para todoz.
O teu nariz he como a torre do Libano
fronteiro a Damasco.
- 5 A vossa cabeça, como o monte Carmelo,
e os cabelloz de vossa cabeça
são como a purpura do Rey metida noz canoz d'agoa.
- 6 Que fermoza soiz, amada minha,
e que engrassada naz vossas dilicias,
minha carissima.
- 7 A vossa estatura he como a palma,
e os vossos peitoz como os cachoz.
- 8 Disse: Subirei à palma
para colher os seuz fructoz;
e serão os vossoz peitoz
como os cachoz daz vinhaz,
e o cheiro da vossa boca como cheiro de maçãaz.
- 9 Tua garganta he como hum precioso vinho,
digno de que meu espoz o beba
e de que seos beiços e dentes
se saboreem e gostem delle.
- 10 Eu ao meu amado,
e o seu volver he para mi.
- 11 Vinde, espoz meu, vamonoz para o campo,
moremoz em lugarez pequenos.
- 12 Madrugaremoz para visitarmoz as vinhaz,
veremoz se ja florecem
e se daz florez nascem ja os fructoz
e se as romeiraz tem ja flor;
ahi voz darei meuz peitoz.
- 13 As mandragoraz derão o seu bom cheiro,
às nossaz portaz temoz todaz az frutaz novaz,
e velhaz guardei eu para o meu amado.

Capítulo VIII

- 1 Quem me dê que eu voz ache, irmão meo, fora,
tomando o leite doz peitoz de vossa may,
e que eu voz beje para que assi ninguem me despreze.
- 2 Eu voz apanharei e levarei para caza de minha may,
ahi me ensinareiz e eu voz darei hum copo de vinho composto,
e mosto daz minhaz romanz.
- 3 Com a mão esquerda me sustenta a cabeça
e com a direita me abraça.
- 4 Eu voz ajuro, filhaz de Hierusalem,
que nem esperteiz nem façais alevantar
a Senhora atee que ella queira.
- 5 Quem he esta que sobe do dezerto,
chea de deleitez, encostada sobre o seu amado?
Debaixo da arvore do pomo te levantei.
Alli foi corrompida tua may,
alli foi violada a que ella gerou.
- 6 Poem-me como selete sobre teu coração
e como ferrete sobre teu braço,
porque forte he o amor como a morte,
e duro o seguimento ou emulação como o inferno;
E az suaz lanternaz como lanternaz de fogo e de labaredaz.
- 7 As muitaz agoaz não puderão apagar a charidade
nem az enchentes e temporaez a podem submergir;
se o homem der todo o cabedal de sua caza,
parecerlhe-ha que nada ha.
- 8 He ainda nossa irmãa mui tenra e pequenina,
nem peitoz tem, que faremos,
até chegar o dia de seuz despozorios?
- 9 Se he muro, façamos-lhe hunz baluartez de prata;
e se he porta, lavremos-lha de cedro incorruptivel.
- 10 Eu sou hum muro, e meus peitoz como torre,
polo qual sou feita diante delle
como aquella que acha a paz e descanço.
- 11 Tinha o Rey pacifico huma vinha
nos arez de Jerusalem,
onde chamão doz alamos,
entregou a muitoz guardadorez,
sahiolhe tambem a traça,
que hoje o homem lhe dá
mil moedaz de prata de renda della.

- 12 A minha vinha corre por minha conta,
a vossa rendevoz cada anno mil moedaz de prata
e gastaez duzentaz com os trabalhadorez della,
a quem a tendez arrendado.
- 13 Voz que moraez naz hortaz,
os amigos voz escutam,
fazei que ouça a vossa voz.
- 14 Fogi, amado meu,
à semilhança de huma ligeira cabra
e de hum esperto e apressado gamo;
passai polloz montes aromaticos.

APÊNDICE III

ENDECHA DOS CANTARES

(BNL Res 79-P)

Muestrame quien mi alma tanto queria
alla do reposa el medio dia
en su eterna gloria y alegria.

Porque no ande como una fiera,
perdido tras los ganados desta sierra
olvidado de los bienes de mi tierra.

Un manojo de misra és mi amado,
entre mis pechos lo terné abraçado,
jamás de mi alma será apartado.

Ó flor del campo alegre y hermosa
assucena de los vales olorosa
debaxo tu sombra mi alma reposa.

Aved compassion de mis dolores
cubridme de rosas, cercadme de flores,
desfalece mi alma por tus amores.

Entre lirios passe el mi amigo caro
hasta que venga aquel dia ciaro
y passen las sombras deste tiempo amargo.

Salid, salid, las hijas de Sion,
vereis coronado el rey Salomon
nel dia de plazer de su coraçon.

Escogido entre mil es mi amado,
hermoso, blanco y colorado
y de toda mi alma deseado.

Mi amado metio su mano poderosa
por un agujero nel fundo de mi alma
y por el mostrome su cara hermosa.

ARNALDO PINTO CARDOSO